



## A doença está no ar

Equipe multiprofissional, envolvendo as áreas de Medicina, Farmácia e Química, e multi-institucional, numa parceria UEL e PUC, avaliam a saúde de frentistas de combustíveis expostos ao tolueno,

solvente usado largamente na indústria, e que pode causar perda total de olfato, audição, convulsões e parada cardiorrespiratória.

*Pág. 5*

## Repasse com moderação

Por que tantas pessoas acreditam e compartilham notícias falsas? É o que procura responder o projeto de pesquisa “Estudos comportamentais sobre a aceitação e difusão de fake news”, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento.

*Pág. 4*





# Projeto discute papel do professor na compreensão leitora de crianças

**Desenvolvido em parceria com o Chile, pesquisa se dedica a investigar a influência de um mediador durante a aprendizagem da leitura**

ISABELA ABRÃO\*

“Gerar uma proposta para abordar o problema da formação de leitores”. Este é o objetivo da primeira fase do Projeto de Pesquisa “Formação de leitores e ações dos professores: estudo de compreensão leitora/oral em amostra de crianças brasileiras”, que estuda se as dificuldades iniciais de leitura podem ser compensadas a partir do fornecimento de ajuda regulatória oral (mediação). Trata-se de uma parceria Brasil-Chile, coordenada na UEL pela professora Patricia Silva Lucio, do Departamento de Psicologia e Psicanálise.

A pesquisa começou a ser idealizada em 2018, inspirada em um experimento financiado pelo governo chileno, que envolveu várias escolas para identificar a relação do professor com a compreensão leitora dos alunos. A convite da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde realiza uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da instituição, Patricia fez um treinamento no Chile para replicar o estudo no Brasil, mais especificamente em Londrina. Em 2019, com aprovação da Secretaria de Educação do município e do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UEL, o projeto foi registrado na área de Psicologia, conforme classificação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

De acordo com Patricia, para melhor avaliar o papel do professor nessa etapa do desenvolvimento educacional, foi necessário selecionar um perfil para as crianças, determinado pela faixa etária. Ela explica que com oito e nove anos costuma-se passar por um período de transição na leitura e, por isso, o projeto focou no terceiro ano (2ª série) do Ensino Fundamental I. Para se encaixar na pesquisa, as crianças deveriam possuir desenvolvimento típico e nenhum histórico de retenção. “Nessa idade, a criança supostamente adquiriu o mínimo para ler com uma certa fluência

e velocidade”, afirma. “Mas, além da gente saber ler e saber o significado das palavras, precisamos entender o que lemos e esse processo pode ou não ser facilitado pelo professor”, explica a docente.

O estudo contou com a participação de dez escolas da rede municipal de Londrina. Cerca de 260 crianças foram testadas em um conjunto de tarefas de leitura e interpretação de texto, divididas aleatoriamente em três grupos: grupo A para leitura silenciosa autônoma sem direcionamento, grupo B para leitura autônoma com auxílio para o planejamento prévio de leitura e grupo C para leitura conjunta com direcionamento do planejamento prévio de leitura. Apenas as crianças com termos de consentimento tiveram seus dados analisados.

## APRENDIZAGEM À DISTÂNCIA

Com a pandemia da Covid-19, a professora revela que o projeto precisou passar por algumas adaptações. Segundo a docente, o processo de isolamento atrapalhou principalmente na etapa de correção, classificação e tabulação das tarefas passadas às crianças. A ausência da presencialidade dificultou a orientação aos alunos de iniciação científica que atuam na pesquisa, responsáveis pela coleta de dados e elaboração dos relatórios.

Agora, com o retorno presencial, Patricia afirma que estão preparando os primeiros estudos comparativos entre o Brasil e o Chile. O objetivo é determinar como os dois países se comportaram com a mesma metodologia, avaliando se a língua e a cultura interferem nos resultados. Além disso, até o final do ano as escolas também devem receber devolutivas do estudo. “A gente ofereceu duas avaliações para cada escola: psicológica ou neuropsicológica, a escolha. Então, poderia ser qualquer criança que tivesse perfil de avaliação”, lembra. “Neste segundo semestre, a gente espera conseguir dar as contrapartidas para pelo menos metade das escolas”, declara a professora.



A professora Patricia (centro) no Chile, num treinamento para replicar o estudo no Brasil, a convite da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde realiza uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia da instituição

## CONSEQUÊNCIAS DO ISOLAMENTO

Uma pesquisa da Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), em parceria com a organização Cenpec Educação (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), sinalizou que a faixa etária correspondente ao Ensino Fundamental I foi a mais afetada pelo isolamento escolar. O estudo “Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação”, divulgado em abril de 2021, analisa as consequências da exclusão escolar para a educação de crianças e adolescentes durante a pandemia. A pesquisa é referente ao período de novembro de 2020.

De acordo com o estudo, das mais de 5 milhões de crianças e adolescentes que não tinham acesso à educação no Brasil, 41% possuíam entre 6 e 10 anos de idade. A pesquisa aponta ain-

da que, com as escolas fechadas, os principais impactos negativos foram o aumento da vulnerabilidade e desigualdade. Como solução, recomenda a realização da busca ativa de crianças que estejam fora da escola; a garantia de internet; a criação de campanhas para incentivar matrículas; e o fortalecimento da garantia de direitos, bem como de condições de permanência e retorno nas escolas.

Segundo Patricia, é importante que o país se atente aos novos desafios de aprendizagem que terão origem com a pandemia. Para ela, mais do que nunca é necessário olhar para questões relacionadas à saúde mental. A professora afirma que esse será um dos focos das próximas fases do projeto, que verificará as novas demandas das escolas para identificar as diferenças entre a criança de antes da pandemia e a pós-pandemia. “Todo mundo sofreu com o distanciamento, mas é uma etapa da vida que a gente não está falando apenas da aprendizagem. As crianças também tiveram um afastamento em termos das relações sociais, das emoções e do convívio”, completa.





# Ouvir para ler, escutar para entender

**Projeto discute como a oralidade permite que as pessoas compreendam literatura e informação na internet**

ISABELA ABRÃO\*

“A voz seduz”. É assim que Sueli Bortolin, professora recém aposentada do Departamento de Ciência da Informação, justifica seu interesse por investigar a oralidade. Ela coordena o projeto de pesquisa “Mediação oral da informação e da literatura em ambiente digital”, que retrata a importância das fontes orais na internet. Segundo a docente, a iniciativa de estudar o tema surgiu após a sua tese de Doutorado e foi influenciada principalmente pelo desejo em entender o que é possível comunicar com a voz, identificando também a maneira como as mediações orais influenciam o fazer do bibliotecário e outros mediadores – cujas pesquisas ainda são muito apegadas ao escrito.

Tradicionalmente, a Ciência da Informação tem como um de seus focos de pesquisa as fontes baseadas na escrita, impressa ou digital. Ao utilizar como base as fontes orais, o projeto propõe quebrar este paradigma. O objetivo é evidenciar a mediação como fator fundamental na apropriação da informação e da literatura; identificar fontes orais da informação e literatura na web geridas por bibliotecários; e analisar a oralidade tecnológica e a performance dos mediadores em ambientes digitais. Dessa forma, a pesquisa pode incentivar a valorização da mediação oral na contemporaneidade para que os leitores consigam ouvir diversos gêneros de textos, no mo-

mento em que acharem mais adequado.

Pensando nisso, o instrumento de coleta de dados escolhido para o desenvolvimento do projeto foi a observação dos elementos performáticos da oralidade – corpo, voz, espaço e presença. Para a professora, o mais complexo de estudar no meio digital é a presença, pois é o resultado de todas as outras performances. “Eu gosto de usar a expressão ‘oralisfera’ porque é o espaço de oralidade que, consequentemente, cria essa ambiência, permitindo a concretização da presença física das falas”, afirma.

## INFORMAÇÃO PARA TODOS

A oralidade pode ser considerada como o primeiro encontro do ser humano com a linguagem. Muitas culturas eram movidas por histórias e os contadores dessas histórias eram os portadores da memória do povo, repassando o conhecimento de geração em geração. Hoje, percebe-se que a oralidade tem se mostrado tão importante quanto antes, ganhando cada vez mais espaço nas mídias digitais – principalmente depois da pandemia da Covid-19.

Além dos veículos de comunicação tradicionais, como a rádio e a televisão, nos últimos anos a voz passou a ser fortemente empregada como ferramenta de contato e informação nas redes sociais. Através das mensagens de áudio, as pessoas encontraram uma

alternativa para se sentirem próximas enquanto ainda não era possível estarem juntas por conta do distanciamento social. Por meio de vídeos e podcasts, buscaram aprender e refletir. Até o consumo da literatura tem se modificado: eBooks, áudios de narração e outros formatos surgiram.

De acordo com Sueli, essa mudança de comportamento pode se configurar também como uma espécie de cultura de acolhimento, aproximando-se da biblioterapia. Ela acredita que, com a volta das atividades presenciais nas escolas e universidades, essa questão precisa ser analisada com ainda mais empenho, pois carrega uma responsabilidade social. “A mediação oral, para mim, é altamente democrática, as pessoas aprendem pelo ouvido. Um analfabeto vai ‘ler’ pelo ouvido, pois os códigos e a escrita para ele não têm significado. A mesma coisa com quem tem deficiência visual, eles aprendem pela oralidade”, explica a docente.

## MULTIPLICIDADE NA PESQUISA

Além de bibliotecários, professores e alunos da graduação e pós-gra-

duação do Departamento de Ciências da Informação, a pesquisa conta com integrantes de várias outras áreas. A jornalista da Universidade FM Patricia Zanin, por exemplo, participou da pesquisa colaborando em artigos desenvolvidos pelo projeto. “Eu entrei no projeto com o objetivo de ampliar e estudar mais sobre a mediação, que é parte da minha função como comunicadora. É um projeto relevante porque consegue trazer reflexão teórica e combinar, de forma bem efetiva, exemplos práticos, que deixam a mediação mais rica”, afirma.

Segundo Sueli, essa diversidade é necessária para o avanço das pesquisas relacionadas ao tema do projeto, que já conta com artigos sobre oralidade midiática, webséries, fanfiction, podcast, entre outros assuntos. “Acho importante que a gente fortaleça o contato com outros estados e com outras universidades para que as pessoas não só levem, mas tragam informações que possam enriquecer o projeto”, declara. “A minha expectativa é que isso vá para as comunidades e que a curricularização da extensão gere bolsas, que motivem os alunos a lidarem com isso. A gente tem que parar para ouvir, ter tempo para escutar”, defende.

Os artigos produzidos deram origem a livros, posteriormente publicados em eventos. Ela cita, em especial, o Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (EPIM), realizado pelos Programas de Pós-Graduação em

**Os artigos produzidos deram origem a livros, posteriormente publicados em eventos, como o Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação, realizado pelos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UEL, da UNESP e da UFPA**

Ciência da Informação (PPGCI) da UEL, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade Federal do Pará (UFPA). O evento foi coordenado pela professora Sueli e chegou a sua quarta edição em 2022, no formato virtual. Além de mesas-redondas e palestras, o Encontro contou com a apresentação de trabalhos de pesquisadores do país todo. “Só nesse último encontro, a gente teve cinquenta e poucos trabalhos”, conta.

Mesmo após o fim da pesquisa, previsto para o início de novembro deste ano, a professora espera que o Departamento e professores continuem investindo nos estudos da oralidade. Ela, inclusive, pretende continuar analisando a voz, colaborando com a investigação do estudo “Mediação da informação científica e dos saberes na Amazônia brasileira”, uma parceria com o vice-coordenador do projeto, o professor João Arlindo dos Santos Neto, da UFPA.

\*Estagiária de Jornalismo na COM





## Pesquisa busca na Psicologia respostas para a conduta humana diante do consumo e disseminação de notícias falsas e desinformação

MEIRE SEBASTIÃO\*

Seja na ciência, na política ou na educação, as chamadas fake news têm entrado cada vez mais em evidência e provocado discussões em torno delas. A rapidez com que circulam e a quantidade de pessoas que conseguem atingir são fatores que intrigam pesquisadores de diversas áreas. Mas, afinal, por que tantas ainda acreditam e compartilham notícias falsas? Foi visando responder essas questões que surgiu o projeto de pesquisa “Estudos comportamentais sobre a aceitação e difusão de fake news”, coordenado pelo professor Hernando Borges Neves Filho, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento.

Iniciado em 2021, o projeto tem como objetivo entender os aspectos psicológicos e comportamentais que levam as pessoas a acreditar e compartilhar fake news e desinformação, além de encontrar soluções para evitar ou remediar o problema. Para atingir esse propósito, o projeto foi dividido em três partes: revisão bibliográfica, pesquisa em laboratório com animais e pesquisa com seres humanos.

A primeira parte do projeto foi desenvolvida no período de um ano, por meio de Iniciação Científica da estudante de Psicologia Heloisa Santana Kohatsu, que contou com o auxílio de outros participantes do projeto. Nesse primeiro momento, foi feito um estudo sobre como as notícias falsas são vistas e tratadas pelas ciências do comportamento em diferentes lugares no mundo, buscando construir uma base científica para as próximas etapas.

“Hoje, existem muitas pessoas no mundo que estudam esse fenômeno das fake news. Então, nosso projeto inicial tinha o objetivo de entender o que as pessoas estão fazendo e onde está a ciência neste momento. Então, o que a gente fez na Iniciação Científica foi uma revisão sistemática da literatura, especialmente porque a gente estava na pandemia também. Fizemos um levantamento interdisciplinar de periódicos de impacto em inglês para avaliar o que esse pessoal estava descrevendo e achando em relação às fake news”, explica o professor Hernando.

Segundo o coordenador, a partir dos levantamentos iniciais, foram encontrados dados muito relevantes sobre o comportamento humano em relação às notícias falsas. Eles indicam, por exemplo, que a raiz do problema está na cultura e no ambiente em que a pessoa que divulga uma informação falsa está inserida, não tendo relação com seu nível de conhecimento ou falta de preocupação com os transtornos que elas provocam. Dessa forma, a Psicologia consegue compreender com êxito a relação do ser humano com a notícia.

“Tem um dado famoso na Psicologia encontrado por pesquisadores da Inglaterra que mostra que a maioria das pessoas que compartilham fake news sabem o que estão compartilhando, ou que pelo menos não é a informação mais confiável que poderiam ter, mas mesmo assim compartilham”, comenta. De acordo com Hernando, isso ocorre porque, para essas pessoas, existem outras consequências, outros contextos e outros arranjos mais relevantes do que



“A maioria das pessoas que compartilham fake news sabem o que estão compartilhando, ou que pelo menos não é a informação mais confiável que poderiam ter, mas mesmo assim compartilham”, explica o professor Hernando.

o fato de uma notícia ser verdadeira ou falsa. “Alguns fatores que interferem nisso são, por exemplo, a preocupação com o que as outras pessoas vão achar dela, com qual público elas estão se comunicando e como será sua aceitação em grupos específicos”, esclarece. Em novembro, um trabalho sobre os estudos será apresentado no 31º Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC) da UEL.

Essa primeira pesquisa contou com dados de lugares como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Japão, Nova Zelândia e África do Sul. De acordo com o coordenador do projeto, na área da Psicologia, ainda existem poucos estudos sobre o tema no Brasil, e o seu é uma das primeiras iniciativas do país. A partir de agora, a pesquisa irá focar em compreender a dinâmica local e o papel da cultura brasileira nesse fenômeno das notícias falsas e desinformação.

### PRÓXIMOS PASSOS

Agora em uma nova etapa, o projeto irá desenvolver pesquisas em laboratório com ratos e macacos. O intuito é compreender quais processos simples de comportamento estão envolvidos na comunicação e na desinformação, e será elaborado um modelo de estudo para descobrir como esses animais contam uma mentira a outro. Para a realização desses testes, será montado um grupo com 10-15 estudantes da Pós-Graduação em Psicologia.

Segundo o coordenador do projeto, a partir dos dados coletados na pesquisa em laboratório, será possível associar quais comportamentos esses animais têm em comum com os seres humanos e, com isso, começar a entender a comunicação humana em relação às fake news. Além disso, a criação de um modelo animal contribui para que mais pesquisas sejam desenvolvidas no Brasil e no mundo, permitindo que outros pesquisadores interessados no tema façam análises com baixo custo financeiro a partir de diversas perspectivas.

Assim que os testes com animais forem finalizados, o projeto passará a fazer a pesquisa com seres humanos via internet. Nessa etapa, as fake news serão estudadas especificamente no contexto do Supremo Tribunal Federal (STF). Dessa forma, será investigado o que as pessoas pensam e falam sobre o órgão máximo do Poder Judiciário e quais notícias falsas e desinformação estão envolvidas nessas situações.

“Em parceria com o STF, vamos tentar entender como se divulga e se difunde uma fake news na cultura brasileira, ou seja, quais aspectos permitem ou facilitam a construção e divulgação delas. Então, vamos estudar aspectos como a estrutura de um texto, como ele se organiza, quais são as partes constituintes dele e a função daquilo no comportamento humano, que geralmente envolve criar pânico moral, situações aversivas, etc.”, detalha Hernando.

Devido ao tema estudado no projeto, o professor foi convidado, via Retoria da UEL, para integrar uma força-tarefa de combate às fake news e à desinformação, criada pelo STF. A iniciativa reúne pesquisadores de várias universidades brasileiras que estudam o fenômeno em diversas áreas do conhecimento. A ideia do órgão é criar uma rede de contatos para que esses pesquisadores discutam o tema entre si, buscando entender e encontrar soluções para o problema. “Todo esse trabalho tem a ver, também, com em algum momento nós criarmos uma tecnologia e outras maneiras que auxiliem o STF nessa tarefa de se autoexplicar, de se colocar na mídia e evitar esses buracos de desinformação”, conclui o professor.

\*Estagiária de Jornalismo da COM



# A doença tem cheiro

**Pesquisadores da UEL e PUC avaliam efeitos do tolueno, um solvente comum encontrado em tintas e combustíveis, no organismo de frentistas de postos**



Professor Tiago Peixe e a estudante de Medicina, Caroline Badoui: há necessidade de monitoramento constante dos trabalhadores

JOSÉ DE ARIMATHÉIA

Entre os químicos e outros cientistas, ele é conhecido como metilbenzeno. Seu nome mais popular é tolueno, uma substância aromática, incolor e volátil, largamente utilizada como solvente em tintas, colas, detergentes, medicamentos e combustíveis. É neurotóxico, ou seja, a exposição a ele pode afetar o organismo, especialmente o sistema nervoso. Níveis elevados podem causar perda de concentração, cansaço, perda de apetite e alterações na visão, audição e olfato, sintomas que desaparecem, cessada a exposição. Mas o tolueno pode, em casos de exposição mais grave, causar total perda de olfato, da audição, convulsões, sufocamento e parada cardiorrespiratória.

Pesquisadores dos cursos de Medicina, Farmácia Bioquímica e Química da UEL, em conjunto com outros de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Londrina (PUC-LD), estudam a exposição, os efeitos e as formas de prevenção aos problemas causados pelo composto em frentistas de postos de combustíveis de Londrina. Intitulado “Avaliação e conscientização do tolueno como causador de disfunção olfatória em trabalhadores frentistas de Londrina” e coordenado pelo professor Tiago Severo Peixe (Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas), o projeto é inovador e relevante por focar numa doença ocupacional e numa substância amplamente utilizada pela indústria.

O tolueno pode entrar no organismo pelo nariz, pela boca ou mesmo pela pele, explica o professor Tiago. Os teores da substância nos produtos industrializados são definidos, monitorados e controlados,

segundo normas do Ministério do Trabalho (NR-7 e NR-15). E para detectá-lo no organismo, um exame de urina é o mais comum e eficiente, em busca do ácido hipúrico, um subproduto do metabolismo do tolueno no corpo.

A estudante do 4º ano de Medicina da PUC, Caroline Badaoui, integrante do projeto, conta que, entre 2020 e 2021, os pesquisadores conseguiram a adesão de 50 frentistas da cidade, o que já não foi fácil, além de outros 50 controles, não expostos ocupacionalmente aos solventes. Segundo ela, houve certa resistência em aceitar participar, e alguns tiveram de ser excluídos, por diversos fatores, como ser fumante. Os estudantes fizeram

uma detalhada anamnese nos frentistas, anotando grande quantidade de dados pessoais, realizaram coletas de urina no final da jornada de trabalho de cada um e fizeram o Teste UPSIT. Trata-se de um teste criado na Universidade da Pensilvânia (EUA) e consiste em uma série de cartelas com odores (como em revistas de cosméticos) e alternativas para assinalar, identificando-os. Serve para detectar alterações no sentido do olfato. Paralelamente, um grupo controle – sem exposição ao tolueno – foi igualmente observado.

## FASE LABORATORIAL

A fase laboratorial, ou seja, a análise do material coletado, foi desenvolvida pelos estudantes e professores da Química participantes. De acordo com Caroline, não houve alteração no olfato dos frentistas. Porém, sabe-se que um organismo pode ser mais ou menos suscetível à ação do tolueno, assim como outras partes do corpo podem ser afetadas.

Os resultados animadores da pesquisa até aqui não devem causar despreocupação, na visão dos pesquisadores. O professor Tiago enfatiza a necessidade de monitoramento constante, uma vez que a exposição

dos frentistas ao tolueno é diária e durante várias horas. Daí a necessidade de intervalos, fora da área de exposição, do uso de equipamento de proteção individual (EPI) e da conscientização dos perigos e/ou riscos. É por isso que o projeto fala em avaliação e conscientização: seus eixos básicos. Caroline observa que os postos disponibilizam EPI, mas a maioria dos trabalhadores não usa.

O coordenador diz que o projeto promoverá encontros e treinamentos para esclarecer e orientar os frentistas sobre normas técnicas, riscos à saúde e ações preventivas. “Será um caminho educativo, envolvendo os sindicatos. Numa fase posterior, também poderemos ampliar para outras substâncias”, afirma.

Tiago Peixe comenta que grande parte do sucesso deste estudo está no fato de ser multiprofissional e multi-institucional. Ele destaca a participação dos professores Marco Aurelio Fornazieri (Medicina/UEL), Lycio Shinji Watanabe e Alessandra Maffei Monteiro (Química/UEL), e das alunas de Iniciação Científica Giulia Maria Gagliuzzi Lage, Aline Yumi Utsunomiya (Farmácia/UEL) e da Clínica Olfact, que realiza as análises de avaliação olfativa.





# Relações de diálogo para evitar a medicalização infantil precoce

**Dinâmicas e jogos realizados por estudantes e professores da graduação em Serviço Social têm sido capazes de dar novos significados aos momentos em sala de aula**

VITOR STRUCK

“Entramos em um momento em que a medicalização é a patologização dos comportamentos”. A afirmativa é da docente do Departamento de Serviço Social da UEL, Ana Patrícia Pires Nalesso. À frente do projeto de extensão “Recriar: o espaço escolar e o diálogo no e pós-isolamento social”, Ana Patrícia e os estudantes de graduação que atuam no projeto constataram que a chegada da Covid-19 e do ensino remoto aceleraram o aparecimento dos comportamentos considerados inadequados ou, por vezes, violentos. Atuando na recuperação do diálogo, ela lamenta que os medicamentos de uso controlado se tornaram “um novo tipo de castigo”, considera, tendo sido utilizados como primeira opção para o cuidado de demandas relacionadas à saúde mental de quem atravessou e atravessa uma das fases mais importantes e difíceis da vida – a pré-adolescência – em meio às restrições de uma pandemia.

O projeto de extensão iniciou as atividades em 2018, com atendimentos semanais aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de escolas da rede pública. Situadas em localidades com maiores índices de vulnerabilidade social indicadas pelo Núcleo Regional de Educação (NRE) e pelas secretarias municipais de Educação de Londrina, Cambé e Ibiporã, o foco do trabalho eram alunos que apresentavam comportamentos violentos, expressando a sua carência através de socos, chutes, empurrões e tapas constantemente, conta.

Para ampliar o atendimento, os estudantes dos cursos de graduação em Serviço Social e Psicologia que integram o projeto “Recriar” passaram a estreitar um relacionamento também com os pais e professores. Este relacionamento se tornou virtual durante os momentos mais duros da pandemia da Covid-19, o que prejudicou a atuação dos graduandos. No entanto, as reuniões presenciais foram retomadas com o retorno das aulas no Colégio de Aplicação Pedagógica do campus da UEL.

Docente das disciplinas de Política Social e Desigualdade Social, Ana Patrícia tem como foco de suas pesquisas a utilização de medicamentos de uso controlado por crianças e jovens. “O nosso objetivo é fazer circular o diálogo, o discurso, e que todos possam ser ouvidos porque todos têm as suas verdades. Eu tenho que reconhecer em você e você reconhecer em mim. Tem crianças adoecidas que precisam de medicamentos e tratamentos? Tem sim, mas não são a maioria”, avalia.

Alguns casos atendidos nas escolas já haviam sido diagnosticados com condições psicossociais bastante conhecidas, como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno Desafiador de Oposição (TOD), uma condição caracterizada por padrões recorrentes de comportamento negativo contra figuras de autoridade, como pais, demais familiares e professores. No entanto, o quadro nem sempre estava associado de uma condição social cuja violência estava presente, ou mesmo com vulnerabilidades como a fome.



*O objetivo do projeto é fazer circular o diálogo, o discurso, para que todos possam ser ouvidos, porque todos têm as suas verdades*

Para participar das atividades propostas, os estudantes do Ensino Fundamental deveriam respeitar apenas uma regra: não tocar nos corpos dos colegas sem a sua autorização. O objetivo é retomar o diálogo como base e ensinar o respeito ao espaço do outro indivíduo. “Esse é o limite, respeitar o espaço do outro e o seu, porque se você tem isso como fonte, o sujeito se torna sujeito, ele é quem toma suas decisões”, diz a professora.

## ATIVIDADES

Ex-aluna de graduação em Serviço Social, Maria Gabriela Ferreira da Silva integrou a equipe durante seu último ano de graduação, em 2021. Ela conta que se surpreendeu com algumas vulnerabilidades, especialmente relacionadas à fome. Ao mesmo tempo, concorda que o projeto foi fundamental para a sua formação acadêmica uma vez que pôde entender como estas vulnerabilidades ficam expostas mais facilmente através das brincadeiras e dinâmicas, o que ajuda muito na sua identificação e tratamento. “Fizemos uma dinâmica em que as crianças tinham que falar sobre os seus sentimentos usando um ursinho de pelúcia. Elas deveriam mostrar o que este ursinho estaria sentindo. Uma criança disse que ele estava com fome. Ela exterioriza aquilo que talvez ela vivenciava. Foi bem marcante pra mim”, conta.

Os integrantes realizaram ainda um bazar com brinquedos que haviam sido doados pela comunidade universitária. O objetivo era proporcionar aos alunos um momento no qual eles poderiam adquirir estes brinquedos usando uma moeda própria, permitindo-os usufruir do direito de escolher. “Uma menina disse ‘eu nunca pude escolher nada na minha vida’”, emociona-se a professora Ana Patrícia. “Foi uma experiência incrível, uma troca. As crianças entravam em grupos e escolhiam os brinquedos que queriam, muitos deles baratos ou mais caros. E o mais legal era o fato de elas saberem que têm direito de escolha

porque isso é uma coisa que não é percebida: é tirado das pessoas pobres o direito de escolha”, conclui a professora Ana Patrícia Pires Nalesso.

Uma das atividades mais marcantes para ela teve relação com o que muitos educadores consideram “música para os ouvidos”: os gritos das crianças brincando no horário do intervalo. Se por algum momento podem ser a expressão da alegria e até do diálogo em meio a um processo de negociação ou argumentação em meio a uma brincadeira, o grito também pode estar relacionado a manhas, birras ou chantagens.

Para refletir a respeito, uma roda de crianças foi formada. O objetivo era apenas gritar a plenos pulmões. A professora conta que, enquanto algumas crianças ficaram roucas, outras se depararam com a dúvida. “Por que gritar? Elas também não entendem. Em seguida, houve uma avaliação sobre qual era o sentido deste grito. Se era fazer valer a vontade dele e se tinha algum resultado. Houve uma reflexão com imagens e outras ferramentas”, explica.

Neste sentido, a reflexão visa igualmente criar formas mais assertivas para se colocar e se expressar dentro do contexto da sala de aula, um ambiente onde são exigidas participação e criatividade dos alunos, porém com regras por vezes difusas, avalia a professora. “Teve uma criança que falou para mim ‘eu não sei quando eu posso falar e quando eu não posso’. Porque se essa criança não fala, ela é acusada de não participar. Mas, se ela fala do jeito dela, atabalhado e atravessado, porque ela não tem o timing, ela também é um problema. Então tentamos trabalhar com isso”, explica.

Para a professora, as salas onde o projeto teve sucesso foram aquelas em que as crianças perceberam que são um coletivo e que as lideranças são necessárias. “Mas não necessariamente de uma só pessoa. Elas podem rodizar na liderança. E o sucesso é as crianças conseguirem pautar o que elas querem de uma forma que os adultos escutem e entendam”, conclui.



## Bioética e Direitos Humanos

O Programa de Pós-Graduação em Direito Negocial da UEL, em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), realiza nos dias 25 e 26 de outubro o I Congresso de Biodireito, Bioética e Direitos Humanos. O evento será online e gratuito, com transmissão ao vivo pelo YouTube.

Os interessados em participar como ouvintes têm até 25 de outubro para realizar a inscrição. O objetivo é fomentar reflexões a respeito da interseccionalidade entre biodireito, direitos humanos e bioética, o congresso vai promover 13 palestras. Mais informações no site do evento: <http://www.uel.br/pos/mestradoemdireito/>.

## História da Educação

O Museu Escolar de Londrina e o Laboratório de Ensino e Pesquisa em História da Educação (LEPHE) realizam, de 21 a 23 de novembro, o I Encontro Paranaense de História da Educação, evento presencial que terá como tema Museu Escolar, Ensino e Culturas Populares – 10 anos do LEPHE.

O Encontro, que marca os 10 anos

existência do Laboratório, visa promover um espaço de divulgação científica, debates e disseminação do conhecimento em História da Educação, unindo professores e pesquisadores de todos os níveis de ensino e estudantes de graduação e pós-graduação. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail [epheuel@gmail.com](mailto:epheuel@gmail.com)



**I ENCONTRO PARANAENSE DE  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - EPHE**  
Museu Escolar, Ensino e Culturas Escolares  
10 anos do LEPHE

## Mestrado e Doutorado

Quarenta e um programas de Mestrado e Doutorado estão com inscrições abertas. A seleção de estudantes para o ingresso no primeiro semestre de 2023 permanece, para a ampla maioria dos programas de pós-graduação, aberta até o dia 11 de novembro. Para se inscrever, contudo, os candidatos devem se atentar às informações contidas nos editais específicos, publicados nos portais de cada Programa. O valor da inscrição é de R\$ 162,00.

As inscrições vão ser realizadas exclusivamente no portal da ProPPG, e efetivadas após a entrega ou encaminhamento dos documentos e o recolhimento do preço público de inscrição.

## Futebol de base

O clube PSTC (Paraná Soccer Technical Center) e a UEL realizam, de 2 a 5 de novembro, o evento “Clínica de Futebol: Atuação Profissional em Categorias de Base”, coordenado pelos professores Leandro Altimari (Departamento de Educação Física), e Ariobaldo Frissel (Departamento de Ciências do Esporte). O encontro reunirá grandes nomes do esporte associados ao treinamento e formação das categorias de base.

O evento terá palestra de abertura proferida pelo coordenador das categorias de base da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Claudio Ibrahim



Vaz Leal, popularmente conhecido como Branco. Marcada para o dia 2, às 19h30, terá como tema “Gestão de Futebol das Categorias de Base no Brasil: Presente e Futuro”.

## Comunicação e Cultura

A Ulepícc-Brasil (Capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura) realizará seu IX Encontro Nacional de 22 a 25 de novembro de 2022, exclusivamente na modalidade presencial na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nesta edição, o evento debaterá “As Tramas do Imperialismo no século XXI”.

Além das mesas de abertura e encerramento, haverá três mesas dedicadas ao tema a partir dos eixos da Informação, Comunicação e Cultura, oito GTs da entidade, mais uma edição da Jornada de graduandos e a assembleia de sócios. Mais informações podem ser obtidas no site <https://doity.com.br/ix-encontro-da-ulepicc-brasil>.

## PRATELEIRA



### Publicações da EDUEL



#### Diário do Adolescente: educar para prevenir

Em seis capítulos, o livro traz temas recorrentes que surgem com o início da adolescência, considerada uma fase de muitas mudanças, tanto biológicas, quanto emocionais, psicológicas, comportamentais e sociais. Tem abordagem educativa e didática, além de linguagem simples e acessível, com foco na adoção de ações de prevenção e orientação junto aos adolescentes.

**Autoras:** Giovana Ribeiro de Souza Favaretto e Sandra Odebrecht Vargas Nunes.

**Ano:** 2022, 80 páginas.

**Valor:** R\$30,00.

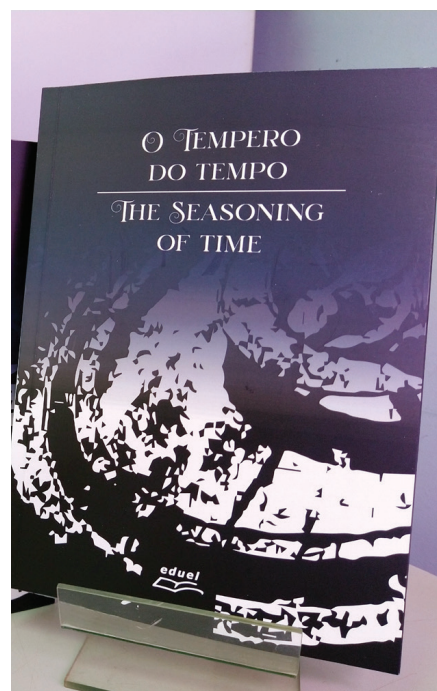
#### Experiências Visuais: Ecos Temporais, Ecos Espaciais

A obra reúne estudos inéditos apresentados durante as edições de 2019 do VII Eneimagem/IV Eieimagem, promovido pelo Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem (LEDI/UEL). É uma experiência multidisciplinar nas Ciências Humanas, tendo como tema a imagem que perpassa vários campos de investigação. Segundo os autores, as imagens são documentos voláteis, agentes históricos e instrumentos da experiência humana em diferentes tempos e espaços.

**Autores:** Ana Heloísa Molina e André Pellegrinelli.

**Ano:** 2022 - 374 páginas.

**Valor:** R\$93,00 (impresso).



#### O Tempero do Tempo - The Seasoning of Time

O livro bilíngue (português e inglês) reúne poesias do escritor londrinense Domingos Pellegrini, traduzidas para o inglês. A tradução foi feita pela professora Mirian Ruffini, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e equipe de tradutores, formada por professores e alunos da graduação e pós-graduação da instituição federal.

**Organizadores:** Domingos Pellegrini e Mirian Ruffini (tradução).

**Ano:** 2022 - 152 páginas.

**Valor:** R\$63,00 (impresso).



### Livraria Eduel

Entre em contato - saiba a política de descontos  
e-mail: [livrariaeduel@uel.br](mailto:livrariaeduel@uel.br)



# A competência como alicerce

**Projeto de Extensão mapeia e orienta implementação de modelo de gestão de pessoas articulado por competências em empresas da Região Metropolitana de Londrina**

VITOR STRUCK

Na medida em que os ambientes corporativos vêm se tornando espaços cada vez mais diversos, chegando a contar com profissionais de três ou até quatro gerações diferentes, a adoção de um modelo de gestão de pessoas orientado por competências pode representar um processo transparente e eficaz de qualificação dos interesses das empresas e dos seus funcionários.

No entanto, sua implementação deve respeitar um período adequado de maturação, sendo fundamental a disposição dos líderes e demais colaboradores para enfrentar as mudanças de cultura inerentes ao processo. Quem orienta é o docente do Departamento de Administração da UEL, Luciano Munck, coordenador de um projeto de extensão focado no mapeamento de processos e estrutura organizacional, e na implementação do modelo em empresas da Região Metropolitana de Londrina (RML).

Formado por dez estudantes de graduação e pós-graduação stricto sensu do Departamento de Administração, o projeto oportunizou transformações em uma indústria de tintas imobiliárias, a Hydronorth, e em um hospital privado de Londrina, o Hospital Araucária. Por outro lado, três dissertações de mestrado foram desenvolvidas a partir destas parcerias.

“A empresa cria um sistema de gestão do desenvolvimento das pessoas articulado pela lógica da competência e essa lógica tem como premissa valorizar a capacidade de entrega. É uma relação muito mais transparente”, explica Munck. “Se a empresa espera que o seu analista financeiro seja capaz de analisar gráficos, tabelas e dados para projetar três cenários que ela pode vir escolher adotar, é isso que é esperado. E não que ele fique estudando a vida inteira e fazendo várias sugestões o tempo todo”, exemplifica.

O processo de implementação parte de uma avaliação do contexto estratégico em que a empresa se encontra, levando em conta missão, valores e identidade, bem os resultados esperados nos próximos anos. Em seguida, a aplicação do modelo passa a mapear as competências técnicas, organizacionais e comportamentais dos gestores e colaboradores por meio de entrevistas semanais.

“Conseguimos mapear isso montando um esqueleto de necessidades. Então, começamos a fazer entrevistas

com os gestores, primeiramente, para que eles possam apresentar o contexto prático de demandas para darmos alguns nomes. Por exemplo, nesta área, a competência mais demandada é de comunicação, naquela outra é a gestão de tecnologia”, explica Munck.

## PARCERIA

Foi desta forma que a parceria com a Hydronorth teve início, em 2019. De acordo com a gerente de Recursos Humanos, Wivian Pelisson, os primeiros a passarem pelo diagnóstico foram os 18 gestores e o CEO da indústria, fundada em 1981 por Amado Góis.

“Foram oito meses. Tínhamos reuniões semanais em que participavam o professor Luciano, a Mônica (Borges, mestranda da UEL), eu e uma analista de RH. Também criamos um comitê para ajudar a validar essa ferramenta, se aquilo fazia sentido ou não, e também fizemos benchmarking até implantar a ferramenta neste primeiro diagnóstico. Em 2020, começamos o ano fazendo vários workshops e acabamos chamando este trabalho de Jornada Hydro”, conta.

Neste processo, entre cinco e sete competências são avaliadas e desenvolvidas por meio das intervenções dos pesquisadores e gestores da área de recursos humanos envolvidos na implementação do modelo. Em outro momento, os profissionais de RH mudam de lado para também serem avaliados por suas competências.

Em setembro deste ano, a empresa realizou o quarto ciclo de desenvolvimento com os cerca de 200 colaboradores. “Demanda bastante tempo porque fazemos um ciclo completo, onde o funcionário faz a avaliação 360º, o líder avalia e ele tem o feedback. Também há uma ferramenta mobile, com vídeos e artigos. Foi muito rico, todos gostam”, diz Pelisson.

Questionada, a gestora concordou que o desenvolvimento da metodologia também tem uma capacidade de tornar mais humanas as relações de trabalho a partir do diálogo sobre as expectativas da empresa e dos colaboradores, mesmo não sendo este o principal objetivo da implementação do modelo. “Acho que ciclo nos ajuda a cobrar mais metas de uma forma mais humanizada. Porque tudo está mais claro, desenvolvemos desde 2019 as metas. Mas é conversado, não é o top-down e pronto acabou. Uma cultura mais humana, mais próxima em que tudo isso tem a ver com saúde mental. As pessoas precisam uma das outras e isso ficou bem

claro na pandemia”, conclui.

## TEORIA X PRÁTICA X DESAFIOS

“O bom profissional não é aquele que possui conhecimentos ou habilidades, mas aquele que sabe mobilizá-los em um contexto profissional”. A frase do professor da Universidade de Sherbrooke (Canadá), Guy Le Boterf, condensa o fundamento do método de gestão por competências. É dele e do sociólogo francês Philippe Zarifian a autoria de parte substancial da bibliografia utilizada pelo professor Luciano Munck no estudo da metodologia em sala de aula. Mas não apenas teóricos estrangeiros entram em cena.

“Na ponta de tudo, usamos um modelo chamado Gestão de Pessoas Articulado por Competências, criado pelo professor Joel Dutra, da Universidade de São Paulo (USP), junto com sua equipe. Ele também tem uma consultoria que propaga este modelo pelo País, o Modelo Dutra”, acrescenta.

Como principais desafios para a correta implementação da teoria, Munck elenca o desconhecimento do modelo. No entanto, coloca o dedo em uma “ferida” importante que considera ser característica do mercado de trabalho brasileiro. “É uma barreira cultural para tornar as relações de trabalho muito mais objetivas e centradas em indicadores de resultados, e bem menos em narrativas e conversas que acabam, às vezes, levando uma pessoa a um alto posto e ela nem tem competência para aquilo”, lamenta.

O modelo de gestão por competências passa a fazer mais sentido quando aplicado em organizações com mais de 50 funcionários. No entanto, também pode ser implementado em empresas menores, onde costumeiramente um colaborador acaba tendo que desempenhar diversas tarefas.

Outro desafio ainda encontrado, acrescenta Munck, é a dificuldade de muitos líderes em identificar seus pontos fracos, fator que também tem relação com as barreiras culturais. Para isso, sugere a aplicação do famoso Princípio de Pareto, popularmente conhecido como a “regra 80/20”. “Você se concentra, às vezes, em 80% de supostos problemas que não representam nada para a sua organização. E tem 20% de problemas que, se tratados, resolveriam praticamente tudo. Só que eles são mais trabalhosos, as pessoas não querem e ficam trabalhando no superficial”, aponta.



“A empresa cria um sistema de gestão do desenvolvimento das pessoas articulado pela lógica da competência e essa lógica tem como premissa valorizar a capacidade de entrega”, explica o professor Luciano Munck

O processo de implementação parte de uma avaliação do contexto estratégico em que a empresa se encontra, levando em conta missão, valores e identidade, bem os resultados esperados nos próximos anos.